



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 23 de Fevereiro de 2013 • Ano LXIX • N.º 1799 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Preâmbulo de Aniversário

O GAIATO dará início, na próxima edição, aos seus 70 anos de vida, naquele que será o seu n.º 1800.

Igual a si mesmo, bebe, desde o seu nascimento, na fonte da verdadeira Sabedoria, a energia e luz que lhe dá a existência.

Não é de admirar, pois, que seja continuamente uma «lufada de ar fresco no sufoco da vida perturbada pelos problemas de cada dia», como se lhe refere um Assinante.

Nasceu para ser Pão, servido nas ruas das cidades pelos mesmos rapazes que o manufacturavam, preparavam e distribuíam, durante várias décadas, e agora quase na totalidade, levado a casa de cada Leitor que o acolhe como a «um Amigo», e lhe dá «tanta alegria» em o receber, quando chega.

É Pão amassado na vida verdadeira, e por isso «traz palavras cravejadas de muitos espinhos, mas que dão alento», ou não fosse a vida marcada pelo sinal e realidade da Cruz.

Das palavras dos nossos Leitores, que como é hábito transcreveremos no Jornal de aniversário, antecipamos algumas expressões que manifestam a importância que O GAIATO tem nas suas vidas:

- É para mim uma felicidade interior indescritível;
- Se estou triste e cansada pelos meus problemas, fico mais aliviada;
- É tão bom de ler que aquece o coração;
- Dá-me força e cada vez mais confiança em Deus;
- É nele que vou buscar incentivos para a vida;
- Pacifica-me com o mundo e dá-me tranquilidade;
- Enche-me a alma;
- A sua leitura me aproxima do verdadeiro Deus e dos meus irmãos.

Pai Américo tantas vezes ficava, como ele dizia, a ruminar as palavras e os pensamentos de Deus em sua vida. Um ruminar que este alimento impõe, como necessidade, para ser bem digerido. Assim fazem os nossos Leitores:

- Leio-o e releio-o com muito agrado e proveito;
- Assim que o recebo leio-o logo e me faz meditar;
- É o único jornal que leio do princípio ao fim;
- É lido mais que uma vez;
- Todas as vezes que chega, leio-o como um momento de oração;
- Uma cristã espiritualidade se respira e sente ao ler e reler O GAIATO;
- Maravilhosos escritos, alguns recorto para mais tarde serem relidos, pela sua qualidade intemporal.

Tal como todos os dons mais excelentes, também O GAIATO sempre foi servido generosamente, como coisa que «não tem preço», por isso de «valor incalculável», na expressão dos nossos Leitores. «Deixar tudo à generosidade espontânea de cada um», como apontava Pai Américo, é a forma do seu pagamento: «Amor com amor se paga».

Neste tempo em que «tudo se tornou racionalidade económica», e por que as regras assim o permitem, sentimos ser o momento de traduzir na letra a Gratuidade do Valor d'O GAIATO, pelo que nele passará a constar, a partir da próxima edição, a expressão legal de Distribuição Gratuita. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Que ninguém se iluda nem faça bem aos homens somente por amor deles, porque depressa desanima. Não. Havemos de seguir as pisadas do Mestre, se quisermos fazer obra de resistência. (...) Os homens são sempre os mesmos... e o Mestre também! Os episódios do Evangelho são a Vida da nossa vida!

in Pão dos Pobres, 1.º Vol.



Pão servido nas ruas das cidades...



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NUNCA a vida custou tanto aqui, a quem trabalha. Nem o sofrimento nunca valeu tanto para os Rapazes. Foram, já na sua maioria sofrendores, alguns martirizados até, antes de aqui chegarem. Mas, hoje, é diferente. Estamos embarcados numa aventura cheia de esperança e sabem que o seu futuro tem um alicerce seguro. Agora, começam a saber o que custa viver e, isso, é diferente neles. Viver dos pais e olhar o mundo como algo que lhes pertence, é fantasia. Há dias, pedia num supermercado. «A nossa organização não permite doar o que está no fim de prazo. Vai para a lixeira». Aí, eu pensei: Como o mundo é triste. Na lixeira, dá comida a mais de mil pessoas, aqui, em Maputo. Saí vencido pela tristeza e falsidade do comércio dos chamados perecíveis.

Mas o mundo é dos mais fortes. E quem o será? Aquele rapaz que tem tudo, ou os que têm de fazer

tudo para comer o pão com o suor do seu rosto? São estes que estamos a levantar do nada. Não lhes falta a comida, embora monótona, nem a roupa lavada, para o banho de cada dia, nem a escola, que milhões em Moçambique não têm como a deles, e milhões não terão nunca e ficam pelo caminho, nem os cuidados de saúde. Temos um no Hospital com tuberculose resistente. Estava em Nampula, a estudar. Adoeceu e não havia remédio. Quando nos alertou, estava a vida por um fio. Pedimos ajuda ao Tadeu, gaiato da antiga Casa que foi vê-lo e dar-lhe uma primeira ajuda. Foi outro daqui, a levar remédio e ficar no Hospital junto dele a fazê-lo comer e dar-lhe o remédio na hora certa. Levou dinheiro para comprar sumo e fruta para ajudá-lo a restabelecer-se até que pudesse viajar para Casa, para a nossa Casa Esperança. Foi a uma nova consulta e teve de ficar internado.

Conseguiremos salvá-lo? Já é o segundo. O outro morreu nos braços da Irmã, como já foi contado. Ela agora, já de muletas, anda de reunião em reunião a que é chamada. Chega ao fim do dia com a perna inchada. Não pode parar. Foi o tendão da perna, mas graças a Deus que foi isso que a fez parar um pouco. Podia ter sido na cabeça e aí ficava impossibilitada. A sua força de vontade não deixa transparecer queixumes. As visitas vêm e vão sem se chocarem com os dramas de Casa, embora eu não pare de falar.

Estamos agarrados e seguros por Deus como nunca experimentámos até agora. É hora de todos nos agarrarmos com unhas e dentes ao que temos. Um dia os Rapazes se sentirão felizes por não terem furado sacrifícios que foram alicerce do seu futuro. E nós, intimamente felizes por um dia merecermos o «vinde benditos de Meu Pai». □

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

André Fernando

A nossa equipa de Desporto de Orientação está firme nos seus treinos e no próximo fim-de-semana, irão participar em um desafio no bairro Costa do Sol em Maputo.

As chuvas irregulares têm provocado um saldo negativo, pois os nossos viveiros de hortícolas à medida que são feitos, dias depois são destruídos pelo temporal.

No âmbito dos festejos do 41º aniversário da Cidade da Matola um grupo de empresários da Câmara de Loures, geminante com a de cá, aproveitaram para visitar a nossa Casa. Junto estava o nosso grande amigo Sr. Domingos da Costa que não tem medido esforço em nos apoiar. O nosso muito obrigado a todo grupo da Câmara.

A empresa Maridian 32, conhecedora das nossas dificuldades, promoveu uma acção de solidariedade com os seus colaboradores e fez-nos uma oferta de 60.500,00Mt (sessenta mil e quinhentos meticais) para compra de material escolar. Agradecemos bastante pelo gesto!

A comissão de eventos da Comunidade Portuguesa promoveu uma festa de Natal com espírito de solidariedade para apoiar as instituições mais carenciadas. A Casa do Gaiato de Maputo foi escolhida e recebeu das mãos do Sr. Cônsul um apoio de 275.000,00Mt (duzentos e setenta e cinco mil meticais) para garantir o pagamento das nossas matrículas e propinas. Compramos também 1.000 pintos e a respectiva ração para o sustento da nossa Casa. O nosso muito obrigado! □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Com o frio a sentir-se nestas serranias, foi possível fazer alguns trabalhos nos nossos terrenos, como a conclusão da sementeira da aveia na terra do olival dos poços e no campo do ti Jaime, que ficaram bonitos, mas à disposição dos corvos e das pombas... Nas férias de Carnaval, varremos os arruamentos, arrumámos parte da lenha e das batatas, limpámos os gados, depenámos galos e colheram-se citrinos para as nossas sobremesas.

OBRIGAÇÕES — Todos os Rapazes têm obrigações marcadas, que é um serviço à comunidade, como: sala de jantar, copa, cozinha, limpezas, agropecuária. Alguns, às vezes, tentam escapar-se... As mesas das refeições têm um chefe, nas quais as contas do Terço são passadas.

ARRANJOS — Continuou-se a arrumar o salão da ex-tipografia. Parte do telhado do salão de festas sofreu com o recente temporal e teve de ser arranjado. A iluminação exterior com a humidade, às vezes, exige consertos. Pôs-se uma antena exterior para a TV da Sr.ª D. Maria do Rosário.

PARTILHA — Vai havendo amigos e amigas que nos fazem chegar alguns bens de primeira necessidade para a nossa comunidade; e também para os pobres. Bem hajam! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Correspondência dos nossos leitores que nos chegou dos serviços administrativos d'O GAIATO relativa aos passados meses de Dezembro e Janeiro. Do assinante 22165, antigo gaiato emigrado em França, chegaram 50€. Da assinante 22890, de Rio de Mouro, chegaram, nas vésperas de Natal, 50€, "para tapar algum buraco desta data festiva", com votos pessoais que muito agradecemos e retribuimos. Pediu-nos o nosso NIB. Espero que lhe tenha sido enviado. Como já não é o primeiro leitor que no-lo pede, passamos a indicá-lo nos nossos contactos. Também da assinante 6313, da Régua, chegaram 50€, com votos que retribuimos. Do assinante 68261, de Aveiro, veio "uma pequena lembrança" de 20€. Da assinante 74260, da Covilhã, chegaram 70€, com um bonito postal de Natal que começa assim: "É Natal cada vez que se ama". Do casal assinante 80168, de Lisboa, veio uma "pequeníssima pedrinha" de 200€, que faremos por aplicar onde for mais necessária. Da assinante 524, de Arcozelo, chegaram 250€, com votos que retribuimos. Da assinante 5963, de Paço de Arcos, vieram 1000€, "com a amizade de sempre", para distribuir pela nossa Conferência e pelas Casas do Gaiato de África. Da assinante 55464, de Coimbra, chegaram 60€, para distribuir entre a assinatura do Jornal e a nossa Conferência. Do assinante 9478, de Lisboa, vieram 50€, com votos que retribuimos. Do assinante 57558, do Porto, chegaram 154€, segundo o que deciframos das anotações de quem recebeu a carta nos serviços administrativos do jornal. Da assinante 78573, de Rio Tinto, veio "uma pequena oferta" de 25€, com votos que retribuimos. Finalmente, os sempre presentes "pósinhos" da Lurdes, do Cacém.

Que nos perdoem os leitores que involuntariamente aqui possamos ter omitido.

Um muito obrigado a todos!

O nosso NIB: 004513424003543534043

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

PAÇO DE SOUSA

DENTISTAS — Por duas ou três vezes que aos fins-de-semana recebemos umas meninas da Faculdade de Medicina Dentária do Porto, que fazem uma espécie de consulta e formação no tratamento da boca dos rapazes, incluído no seu estudo da medicina dentária.

FRIO — Há alguns dias tem-se sentido muito frio, chuva e vento, que destroem alguns ramos das árvores da nossa Aldeia, pelo que os rapazes têm andado bem agasalhados. O aquecimento das casas e da água, que é a lenha, é muito útil nesta época.

ABELHAS — O nosso Sampaio, nesta altura, preocupa-se em espalhar caixas na nossa mata para tentar apañar alguns enxames que saem das colmeias — enxameação. Andamos também a preparar os quadros das nossas colmeias, pondo neles bandas de cera, que existem para facilitar o trabalho às abelhas.

PADRES DA RUA — No passado dia 31 realizou-se a reunião dos nossos Padres, nesta Casa. Vieram almoçar connosco e celebrar a

Eucaristia, pelo que os rapazes mais novos puderam conhecê-los. Depois jantaram e seguiram para as suas Casas.

Bruno Alexandre

DESPORTO — O Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, está bem e recomenda-se a quem gostar de ver bom futebol, mesmo que seja visto do terceiro anel. Claro que, se for visto junto ao campo é sempre melhor, pois, pode apreciar muito melhor as jogadas dos nossos atletas.

Este fim-de-semana, recebemos os Juniores do Grupo Desportivo de Boassas, da A. F. Viseu. Um jogo bem disputado e com golos para todos os gostos. Joaninha, cedo inaugurou o marcador, fazendo 1-0. Mesmo assim, o adversário não baixou os braços, tentando sempre impor o seu jogo. O nosso segundo golo, teve como seu autor, Ronaldo, que marcou o seu primeiro golo esta época. Francisco, não quis ficar atrás e fez o 3-0, marcando também o seu primeiro golo. Hugo Pina voltou a marcar e fez o 4-0. Nesta altura do jogo, o adversário beneficiou de

uma grande penalidade que o nosso guarda-redes defendeu. No entanto, minutos depois, aproveitaram um falhanço do nosso defesa-central e fez o 4-1. Já muito perto do fim, Nelson, fechou a contagem, alterando o marcador para 5-1. Mais uma vitória e, mais um jogo como sempre acontece sem qualquer incidente durante os 90 minutos.

Uma semana depois, fomos ao campo do F. C. Vandoma, da A. F. Porto, perder, porque fomos uns «cabecinhas no ar...». Sempre ouvi dizer que «quem muito fala pouco acerta» e neste jogo, falamos demasiado e jogamos muito pouco. Estivemos a perder por 0-1, com um autogolo, logo aos 12 minutos; Nelson, ainda na primeira parte, faz o empate, eles fizeram o 2-1 e o 3-1. Nesta altura, saltaram do banco André «Espanhol» e Ruben para fazer o 3-2 e o 3-3 respectivamente. Só que, já muito perto do final, num lance fortuito, eles conseguiram fazer 4-3, fixando o resultado final. Um jogo fraco onde nós fomos muitíssimo fraquinhos. A arbitragem não esteve bem, é um facto, mas não serve de desculpa. Nós, é que fomos os culpados da derrota; pouca concentração e muito pouco discernimento

Alberto («Resende»)

Das suas mãos nasce Beleza...



LAR DO PORTO

Casal Vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos todos a passar uma fase complicada no nosso País, desde o desemprego, à falta de segurança, a todos os níveis, as pessoas a perderem a cabeça e a cometerem actos dos mais absurdos e violentos, a falta de emprego, instabilidade da maior parte das empresas, que não sabem por quanto tempo vão poder manter os postos de trabalho e se vão poder estar em funcionamento.

Quanto à saúde está de mal a pior, a maior parte da população não tem meios para se tratar, uma vez que os seus encargos fixos são grandes e não chegam para comprar medicamentos e outros tratamentos que tenham de fazer. As pessoas sentem-se perdidas sem saída, daí estarem a surgir mais casos de actos tresloucados, os cidadãos estão fartos de pagar facturas de gastos que foram para proveito de alguns senhores e obras megalómanas, que pouca utilidade tem para a sociedade e agora obrigam os de menor rendimento a pagarem.

Não é justo já todos sabemos, mas achamos que já basta de serem sempre os mesmos a pagar pelos erros de outros, pensamos que está na hora de serem tomadas atitudes, e acabarem com promessas que nunca podem cumprir, e serem tomadas medidas urgentes para que estas famílias mais carenciadas também sejam ouvidas, e não só usadas para pedirem votos.

Falamos pelos nossos pobres, que cada vez estão mais pobres e dizem não terem contribuído para toda esta desorganização, mas o mais lamentável é que se não for a

Igreja, os amigos e benfeitores a ajudarem, a calamidade ainda seria maior, mas Graças a Deus os portugueses são um povo solidário e bem hajam a todos que têm o dom da partilha.

Temos tentado dar o nosso melhor e os nossos benfeitores têm contribuído dentro das suas possibilidades, uma vez que os mesmos também têm os seus encargos e alguns com familiares desempregados e doentes, mas tentam sempre dar-nos apoio, e palavras de conforto, a todos o nosso obrigado.

Não vamos desistir, temos Fé que melhores dias virão, mas até lá vamos tentar estar atentos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Maria Teresa 25€; Ass.60754 o seu donativo; Dalila Calijão 30€; Maria da Luz 500€; Zulmira 30€; Anónima Rio Tinto 50€; ass.11282 50€; Ass.22890 50€; Maria Luísa 50€; Fernando Ferraz 500€; M Narcisa 50€; Maria Alves 20€; David Moreira, Lda 50€; Rosa Pina 50€; Adelino Rocha 100€.

Em nome dos nossos irmãos carenciados um bem-hajam e que o Nosso Pai permaneça sempre no coração de todas as famílias que O amam.

O nosso NIB: 001000004417802000158.

O nosso endereço:

Conferência de S. Francisco de Assis

Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Acudindo

A pobreza, como escândalo social, envolve carências de vária ordem e, no fundo, manifesta dependências e debilidades que é preciso remediar para promover os pequenos e oprimidos. Os pobres revelam-se herdeiros da promessa messiânica: *Deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre — um resto de Israel.*

É neste filão, de uma Igreja serva e pobre, que os nossos ouvidos se devem inclinar para os frágeis, escutando os anseios dos humildes, com as suas feridas. Neste caminho, somos conduzidos à purificação da confiança no Senhor. *A fé precede a caridade, mas só se revela genuína se for coroada por ela,* lembra o Papa Bento XVI, nesta Quaresma. Jesus vence a miséria sendo Pobre com os pobres. Teve fome, sede, fadiga...

Ligados com aqueles a quem se tenta deitar a mão, vão-se tecendo teias de socorro, qual tecido de pano cru ou a remendar. Apertados com as picadas de tantas dores, tivemos de pegar no bordão para outra peregrinação por gente simples que confia num dia que não foi de romaria, em amontoadas de cimento, à procura de sinais do Vivente.

É da partilha de Amigos segu-

ros, com a mesa posta dos filhos, que mais pratos de arroz queremos que outros levem ao forno. O burro partiu com uma abojada, pela aurora, para saciar e vestir rostos e nomes, pois os pastores da nova Lei não devem largar os sítios dos últimos, sob pena de não serem ouvidos por ninguém.

Para um rebento de poucos mesitos, mano de um refilão, não era mesmo de adiar um lamento materno: — *O leite do menino já acabou...* Fomos encontrá-los prazenteiros, saboreando raios de Sol coado. O nosso sorriso conjugou-se com o deles! Têm sido aviadas doses na botica até que conseguimos algum maná que vai chegando àquela boquita, cujas maçãs da carita estão mais cheiinhas de carne.

Para outra estação daquela via sacra, tivemos de galgar mais léguas em demanda dum bairro de Santa em voga noutra tempo e onde sobrevive o pai do Divino, pedindo ajuda para as irmãs deste pequenino, pois crava cada vez menos pregos, em obras que escasseiam. Este encontro foi partilhado também com outro rosto materno, de semblante pesado, pelo cartão caducado, qual pescadinha de rabo na boca: — *Não arranjo trabalho.* Entretanto, consegui que a sua pequenina, enfermiça, fosse para um infantário. Cristo pobre anima sempre a vida da gente crente!

Fomo-nos afastando daquelas margens à vista do Cristo Rei, mas voltando costas ao centro de poderes, até obscuros e diletantes, para ver melhor outra família, cujos membros têm perdas de visão: — *O pai é doente de diabetes e não trabalha. Padre me acude [sic] em nome de Deus nosso Senhor.* Quem vem por bem vai mais além. Franqueada a porta, atestámos as aflições da renda do abrigo modesto e do resto. Quando se tem um telhado, não é de perder, nos dias que correm, pois os riscos têm feito das suas aos mais fragilizados. O rigor da invernia não convida ninguém a cair nas ruas, engrossando os sem-abrigo e os noctívagos. Quando encontramos aqueles que procuram acartar palhas para aconchegar os seus ninhos, mesmo com magros proventos, é chispa ajudar para não deixar apagar a torcida que fumeja. Quem tem confiança na Providência, vive com esperança.

Quando os pastores percorrem os carreiros das suas ovelhas e estão por perto, se elas tropeçam e estão caídas, devem curá-las e levantá-las para as conduzir a pastagens verdejantes. Diante de angústias dos humildes, dizemos com o profeta Jeremias: *O Senhor está contigo, porque salvou a vida dos pobres!* □

VINDE VER!

Padre Quim

Do martelo à campainha

COMEÇOU o ano lectivo depois de alguma hesitação, no que dizia respeito à abertura oficial a nível nacional. Fazer parte da sociedade das datas móveis não é fácil, sobretudo quando não estamos acostumados à sua dança de cadeiras. Ao menos no calendário elas estão fixas, só na prática e por incompetência é que elas muitas vezes são movimentadas dum sítio para o outro. A nossa escola está cheia de crianças, ansiosas por aprender as lições e começar a pôr desde agora os fundamentos da construção duma Angola nova. Grande parte dos nossos rapazes estudam nas escolas dos arredores e da cidade, porque a nossa não vai para além do sexto ano de escolaridade. Gostaríamos de ter até ao nono ano pelo menos senão mesmo até ao ensino médio, para melhor acompanhá-los mais de perto. Quase todos calharam no período da tarde, e o chefe tem-se visto aflito para fazer o edital geral. Só um pequeno grupo da casa mãe é que pelas manhãs põem-se de batas brancas e mochila às costas pela calçada que leva à escola. Os gémeos, René e Remí, chegaram há pouco menos de um mês e também já vão à escola, e com apenas cinco anos de idade não se contentam em estar na sala da iniciação, querem a primeira-classe, têm vontade de aprender e

força para crescer apesar da tenra idade. Se é assim enquanto é cedo é bom principio e nós vamos aproveitar para lançar a semente neste terreno fértil. É mais fácil no outro campo quando estrumado e regado a semente germina, neste nem sempre. Mas vale-nos a confiança no acto da sementeira.

Para trás ficou o tempo das férias, as tardes de praia, o vício da televisão. Pois é altura de estudar para merecer outras férias. Com as aulas veio também a febre das amêndoas, e com pedras e paus eles chegam a elas, os castigos se tornaram pouco eficazes para travar o apetite e a teimosia da rapaziada. Continuamos com o esforço de melhorar as condições da nossa escola: a primeira mudança notável é a passagem da martelada dum ferro velho que servia de sineta —, para o som agradável da campainha. Alguns preferiam ainda o martelo, a novidade sempre incomoda os nossos hábitos caducos. Foram também montados novos armários nas salas de aulas para guardar o material. No dia seguinte já faltava um deles, foram dar com ele no Bairro da Graça, pois tinha voado de noite. É que nalgumas noites, aqui faz mais ventania que em outras, e algumas coisas nossas voam dum lugar para o outro. Agora o armário já se encontra

fixo na parede, oxalá não venham mais estes “tipos” de vento em plena noite

Já se ouve o hino nacional e com firmeza os pequeninos honram a pátria. É assim que se constrói o futuro. Cada um deles tem um ideal por se descobrir, é urgente despertar no rapaz o sonho adormecido que carrega dentro de si. Sabemos que ele está lá. E passando pela escola e pelas actividades práticas, quer nas oficinas quer em outras áreas da vida activa da Casa, ele poderá descortinar, para apontar o caminho e o ideal a perseguir com todas as forças pelo próprio rapaz. É uma grande dor de cabeça, quando se escuta o bater nas portas do nosso escritório: pedidos atrás de pedidos para trazer duas e três ou mais crianças. “Não temos lugar de momento”, eis a resposta diária. Os que têm maior idade, até já estão empregados e a ganhar, não tomam iniciativa, para dar lugar a outro que necessita. Neste sentido, o termómetro marca febre alta, e altera o sistema funcional do organismo comunitário. Por que motivo não hão-de vir os filhos da rua para o que é seu? A martelada, neste caso, também não serve, porque ensurdece, é melhor mesmo o toque da campainha. O amor é paciente, sempre presente na vida comunitária. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Estágio

AS alegrias que Deus faz nascer nesta comunidade, por não serem só nossas, mas de todos os amigos, não devem ficar no segredo, mas espalhadas nos telhados, porque são Luz.

De novo, esta Casa do Gaiato de Setúbal, vive o júbilo de ver, um dos seus, premiado pela Escola Profissional desta cidade, com um estágio na Alemanha.

O ano passado foi o Vasco, este ano, o Tiago.

Entre todos os alunos do seu curso, foram eleitos quatro para estagiar em fábricas alemãs, e um deles, voltou a ser um gaiato.

O Tiago, saiu no fim de Janeiro, e voltará em princípios de Março. Darei contas das suas impressões, da organização do trabalho daquele País, que dá cartas na Europa; exactamente, porque trabalhou e continua a trabalhar.

Peregrinação

ESTÃO adormecidas as peregrinações de paróquias e grupos de amigos à Casa do Gaiato. Continua somente desperto o rancho de Castelo Branco que, todos os anos, se desloca à de Coimbra e a esta, com os seus donativos, a sua familiar expressão de apreço e sede insaciável de fé. A Casa do Gaiato continua, para eles, um Santuário, como lhe chamou o Fundador.

O grupo de Aveiro, tão ferrenho, tão forte e tão generoso, ao longo de décadas, com a falta da D. Maria de Matos, que foi para o Céu, desmantelou-se e entrou numa certa dormência quebrada, apenas de tempos a tempos, por cartas e telefonemas de alguns sobreviventes.

A do Seixal, certinha nos finais do Advento e proximidades do Natal, reduziu-se a uma ou outra Leitora d'O GAIATO que junta as suas ofertas e de outros e no-las manda por correio ou pessoalmente, naquela altura.

Voltou, pela segunda vez, de muito longe, de Oliveira de Azeméis, a Paróquia de Gândara, com o seu pároco à frente.

Vieram, sim, para estar connosco, ver esta Casa, sentir de perto a Acção da Providência Divina e entrar n'Ela com as suas dádivas.

Claro que recebemos este Povo de Deus de alma feliz e aberta.

Viram a nossa vida, admiraram a nossa Capela, uma esplendorosa galeria de pintura sagrada. E comeram o seu farnel, aquecidos por um sol radioso, em vários cantos do nosso jardim.

Homens e mulheres, jovens e crianças, uma linda representação daquela paróquia.

Gente modesta, mas enriquecida por uma fé viva. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

De uma carta a quem de Direito

«Venho escrever-te para partilhar contigo uma inquietação...

Eu sou assinante d'O GAIATO [16560] e admiradora da Obra do Padre Américo, desde menina! Certamente que já ouvistes falar nesta Obra extraordinária...

Envio-te um Jornal para, se desejares, através dele actualizares o conhecimento desta Obra.

Há cerca de dez anos, esta Obra foi muito mal avaliada pela Segurança Social, que não foi capaz de perceber o dinamismo que os próprios Rapazes mais velhos imprimem à formação e educação dos mais novos, levando todos a partilhar as tarefas domésticas, procurando aproveitar essa dinâmica na sua própria formação.

Além disso, o facto de ser uma Obra católica e confessional, dado que o Estado se diz “laico”, não souberam por-se acima destas realidades muito positivas e denegriram a Obra, tendo-a excluído das hipóteses de apoio, a que a Segurança Social e os Tribunais poderiam recorrer, quando necessitam de enviar menores em risco. Isto, além de ser uma mentira gravíssima, impede que muitos Rapazes possam beneficiar de condições logísticas e formativas excepcionais, desta Obra.

Por tudo isto aqui vai o Jornal, para de lá extraíres a informação que quiseses recolher (...) e possas vir a clarificar a Verdade, sobre esta Obra do Padre Américo, de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.»

«Sereis acusados e levados à presença de reis e governadores... mas não vos preocupeis com o que haveis de dizer».

Este pensamento está subjacente e enforma a nossa vida. É uma realidade que experimentamos na sua crueza, por quem serve para servir por amor à Verdade.

Esta nossa Amiga, desde menina e ao longo dos seus já muitos anos, apaixonada pelos milagres que ganharam corpo nos filhos de Pai Américo, sofre connosco a indiferença a que somos votados pelos poderes constituídos na sociedade actual, por saber que os milagres de amor são de todos os tempos. Sem eles, não há vida, porque esta é um milagre de amor.

A «mentira gravíssima» é o seu oposto, confirmando a tendência actual para sufocar e inviabilizar a vida.

Padre Júlio

BENGUELA

Padre Manuel António

Não nos cansemos de fazer o Bem

HOJE é Domingo. A Palavra caiu no meu coração, mais uma vez. Quero partilhá-la convosco. Não nos cansemos de fazer o bem, porque se não desfalecermos, colheremos no tempo oportuno. Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos. Este é o caminho da nossa felicidade, a meta da nossa vida. É certo que a vida do homem não depende dos bens que possui. São necessários, sem dúvida, não devem ser destruídos, mas devem ser partilhados com os irmãos. Deste modo, nascerá uma sociedade mais justa, mais feliz. A nossa Casa do Gaiato de Benguela está a viver, nesta hora, a experiência desta verdade. Mais de centena e meia de famílias que viviam na miséria, sem esperança de futuro, com os filhos condenados à pior situação humana, estão, agora, no caminho da dignidade, graças à ajuda que lhes foi dada. Esta maravilha não seria possível se não houvesse a partilha dos vossos bens com a nossa vida. Por isso, é sempre com muita esperança que estendemos as nossas mãos para acolher a generosidade do vosso coração. Há dias, neste momento muito aflito por que estamos a passar, um amigo empresário bateu à nossa porta. Entregou-nos um cheque a recordar o grande amor do seu pai pela nossa Casa do Gaiato. Já morreu.

Tenho muito viva a sua memória, desde o início. Trouxe-nos confiança e permitiu-nos pagar uma dívida urgente. O seu rosto mostrava a alegria do coração. É a experiência da felicidade de quem partilha os seus bens. Esperamos que não vos canseis de fazer o bem!

Continuamos a bater à porta das empresas, à busca de empregos para os rapazes mais velhos. São muitos, porque os que já estão fora da Casa juntam-se aos de dentro, pela mesma causa. Foram dez, mais seis, para duas entidades diferentes. Partilho convosco estes pormenores da nossa vida, porque nos acompanhais com o vosso amor. Mais quatro pequeninos entraram a fazer parte da nossa família. As necessidades de atendimento aumentam. Quem nos dera ter lugar para todos! Mas é impossível, porque o número de crianças abandonadas é muito grande. Vamos até onde pudermos, contando sempre com a vossa ajuda. Quando damos a vida por amor, os frutos aparecem sempre. Ao passar numa das ruas da cidade de Benguela, oiço uma voz a chamar pelo pai. Era um homem, com mais de 50 anos, a correr para me abraçar e beijar. Há muito tempo que não nos víamos! Foi um dos pequenos criados em nossa Casa. Agora, é professor. É, sem dúvida, uma maravilha, também fruto do

vosso amor. Como seria possível o nosso trabalho sem o apoio do vosso coração, pela partilha dos vossos bens? É verdade! Hoje de manhã, dois visitantes, pela primeira vez, ficaram surpreendidos com a dimensão e as características da nossa Casa do Gaiato. A pergunta surgiu espontaneamente: Como foi possível a construção e a sua manutenção? Graças aos donativos do povo. A resposta causa admiração, mas é a verdade. O povo acolheu de tal modo, em seu coração, a mensagem de Pai Américo e acreditou que deu e continua a dar do que tem para que a Obra não pare. Quem dera não falte nunca esta disponibilidade para o bem dos mais pobres, mais abandonados! É a alma da renovação do mundo.

O novo ano escolar teve o seu início. A nossa escola está cheia. A maioria absoluta das crianças são dos bairros circunvizinhos. Doutrou modo, ficariam na rua. As escolas não chegam para as necessidades mais urgentes. Tentamos investir de tal modo neste sector que os filhos têm as condições necessárias para o aproveitamento normal. Quem dera pudessem ser transferidas para a nossa Angola as escolas que fecham as suas portas, por falta de crianças, no nosso Portugal! Um beijo para todos dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

MALANJE

Padre Rafael

ERA quase meio-dia e o Soba (chefe tradicional de uma aldeia), junto de um grupo de mais catorze anciãos, convidou-nos a entrar numa das cabanas para nos comunicar a sua decisão final. O Governo dera-nos permissão de cortar madeira naquela área, explicámos-lhes quem éramos e as nossas dificuldades. A decisão foi que teríamos de pagar dez mil dólares para entrar na floresta. Rapidamente respondi que não tínhamos esse dinheiro e que regressaríamos a Casa.

Entretanto, o Soba disse a todos que os missionários estiveram com eles durante toda a guerra, que os padres nunca negaram uma ajuda quando havia um doente, que a Casa do Gaiato criou muitos irmãos angolanos e que, amanhã, criará os seus próprios filhos, se lhes acontecer algo. Aquele velho Soba, com a sua voz cheia de ternura, disse que por sua parte daria toda a ajuda que pedisse e que no seu pedaço de terra poderia entrar sem problemas. Fez-se um grande silêncio e eu agradei o seu gesto, mas que não queríamos ser um problema para a aldeia... Pouco-a-pouco, todos os anciãos foram anuindo e, finalmente, nos deram permissão para entrar.

Sempre que ia com o camião carregar madeira, perguntava por ele e diziam-me que estava no pomar. Quando nos encontrávamos perguntava sempre pela Casa... sempre sorridente e atento a todos os detalhes. Quando se sentia mal ou precisava de algum medicamento, fazia-nos chegar o recado e nós tudo fazíamos para lho fazer chegar.

Se tinha algum problema com algum trabalhador por causa do seu comportamento, corrigia-o como se fosse um menino. Um dia pediu umas tábuas para fazer janelas e uma porta da sua casa... mandei os nossos carpinteiros fazê-las. Que felicidade vi em seus olhos quando algum tempo depois nos encontrámos. Dizia-lhe que, um dia, iria passar uma semana, mas tinha que me dar cama e comida porque era uma visita. Ele retorquia que eu não era visita, mas família.

Faz alguns dias que regressámos para iniciar os trabalhos do corte de madeira e um dos nossos trabalhadores informou-me que o Soba Jacinto havia falecido este Natal. Poucos dias depois, apanhei paludismo e estive dois dias na cama a recordar-me de um outro grande amigo que se adiantou sem nos despedirmos... Quem sabe se um dia nos encontraremos.

A Escola vai começar durante esta semana e os nossos Rapazes andam numa correria de um lado para o outro para preparar os documentos e pagar as inscrições nas respectivas escolas. Chegou o momento de preparar a lista dos materiais escolares. No nosso caso, vamos comprar seiscentos cadernos para os que estudam no segundo ciclo. Ao que parece, um grupo de antigos gaiatos comprometeu-se a comprar metade. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

HÁ tempos que não dou contas do que me tem chegado e tenho distribuído, pelas maiores aflições que me inundam. A maravilha da comunhão que o Património dos Pobres proporciona, a quantos nele entram, é riqueza que não devo ocultar.

Escrevo na Quarta-Feira de Cinzas, dia de chamamento solene à vivência do Espírito de Deus, em todos os reflexos da nossa vida.

Ajudar-nos-emos uns aos outros, lendo o que cada um vive na fé, na doação, na esperança de fazer o bem, para dar glória a Deus que nos há-de recompensar.

De Coimbra, um cheque de 200 euros, de duas senhoras esta novidade: «Gostava de dar conhecimento de que o Santuário de Fátima dispõe de uma equipa de pessoas que se reúne periodicamente para analisar pedidos de ajuda económica e dar resposta a muitas carências. Não sei, até que ponto, é que o Património dos Pobres, não pode beneficiar desse tipo de apoio que seria bem justificado. (...) Penso que o dinheiro dos peregrinos não pode ter melhor utilização do que esta,

principalmente na conjuntura actual».

Agradeço a sugestão, que publico, na certeza de que Nossa Senhora de Fátima — A Pobre de Nazaré — gostaria imenso desta partilha.

«Quero sentir a alegria do nascimento de Jesus no meu coração 'O que fizeres aos mais pequeninos é a mim que o fazes.'» —, dizia a Maria Amélia, de Aveiras de Cima, com 500 euros.

É verdade, é desta e de outras maneiras semelhantes, que Jesus vai nascendo, cresce e toma posse de nós, até podermos dizer, como o Apóstolo Paulo: — «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim».

Um sacerdote, de Coimbra, com o mesmo fim, envia 300 euros; e a Maria da Glória, confirma o mesmo, com 130: «Uma ajuda de duas senhoras idosas que estão aqui, no lar, da nossa aldeia. Só queremos que na Santa Missa sejam recordadas». O meu altar tem a dimensão que Jesus lhe dá. É imenso! Todos lá cabem à vontade e as graças d'Ele não se esgotam.

Da Avenida de Sabóia, no Esto-

ril, 250 euros, e mais 200, com: «Já me custa muito a ver, para escrever, mas vou tentar, pois acabo de ler o seu texto n'O GAIATO e queria dizer-lhe que fico a sofrer consigo. (...) Tenho pena de só poder ajudar com tão pouco». Outra senhora, com a mesma quantia, a expressar-se: «Recebi a sua carta e fiquei surpreendida, sem saber como interpretar a sua frase que diz: 'Tenho-a no altar'. Fiquei-me então a pensar. Será que o padre Acílio me coloca, por engano, num pedestal que não mereço?, mas que desejaria merecer?»

No altar, cabe toda a nossa Pessoa, toda a nossa História de bem e de mal. Ele, o Senhor, tudo aceita: O bem para Lhe servir de Glória; o mal para Ele o purificar e destruir.

Mais 200, da Laura Maria, da Maria Filomena, da assinante 75608, de um antigo gaiato: «Apesar das nossas pensões terem sido desmesuradamente cerceadas...». Os gaiatos aprenderam na Obra a viver na austeridade e a pouparem para repartir. Mais 200 com: «Eu amo esta Obra magnífica que o Santo Pai Américo nos deixou».

Mais de Mangualde: «Fui a minha casa na semana passada, e a minha amiga Lucinda, sabendo da minha presença, confiou-me,

como de costume, 250 euros para vos enviar. Da minha parte, vão 300. Actualmente, pagando neste Lar, mais que a minha reforma, sou obrigada a tirar algum da minha Conta Poupança, todos os meses». Heroísmo que só os cristãos sabem fazer e apreciar.

De vários lares, chegam expressões de comunhão que não posso repetir para não me alongar. Uma veneranda senhora, 750 euros.

Num pequenino papel, como um sms: «Envio cheque de 1000 euros, para ajudar os nossos irmãos mais pobres, em Acção de Graças no aniversário do meu Baptismo». Como Deus se sentirá glorificado com almas deste quilate.

O Manuel, de outro Lar, envia 150 euros. Dolores, do Porto, 300, mais 100. Quinhentos da Maria Helena, de Lisboa; 150 da Isabel, da Covilhã; o mesmo de outro antigo gaiato, e mais 100, agora.

Continua, 150, do Abílio, da Fernanda e do Virgílio; 500 do casal Lucinda e António; da Maria de Lurdes, de Leiria, e de Arcozelo. Mais 450, do Manuel, de Lisboa; 350 do Nuno, de Cascais; e 300, com este desabafo: «O bem-comum, é difícil de entender e pôr em prática!» —, mas é meta

que devemos ansiar por atingir, ao longo de toda a nossa vida.

«Com amizade», 300 euros, da Zélia e do marido: «Para poder arcar com responsabilidades e sofrimentos que a maravilhosa Obra e o Património dos Pobres lhe acarretam, tanto física como psicologicamente (...), junto mil e duzentos euros».

Setenta e cinco, da Isabel; 90, da Maria Alice; 600, do José Vieira; com igual quantia para esta Casa. Cinquenta, mensalmente, do Afonso e da Maria Susana; e o mesmo, de uma só vez, do António e da Maria Amélia, de Cascais.

«Admiro a Obra, a forma como a vive e a dá a conhecer no jornal. Invejo a sua fé, 2500 euros.» —, é do Porto esta mensagem.

Quinhentos, da Maria Guilhermina; Maria Luísa, de Palmela, 1000; da Maria Célia, 1500; do Tiago e da Lúcia, 250. Trinta, da Maria Graziela, duas vezes, da Ana, do José Alexandre e da Maria Aurora. Sessenta, de Évora e de Resende. Cem, da Hortense, Maria Fernanda, Maria Teresa, Padre Henrique, Padre Joel, Maria Graziela, Maria Rufina, Maria Amélia, duas vezes, Maria de Lurdes, Maria Luísa, Maria Helena e José Duarte.

Por hoje é tudo o que já vi. □